

# Economia Brasil

# Última Trincheira

O discurso do presidente Fernando Henrique, que na quarta-feira marcou o dia 20 para definir o tamanho do ajuste fiscal de 1999 a 2001, desenha-se agora claramente como peça de valor diplomático.

A seqüência veio na liberação, ontem, pelo Ministério da Fazenda, da nota de apoio da direção do Fundo Monetário Internacional ao programa de ajuste fiscal, anunciado na véspera pelo presidente. A nota confirmava, também, a aprovação de um plano de ajuda financeira internacional ao Brasil e à América Latina nos próximos dias.

A redução coordenada dos juros pelos bancos centrais dos países ricos (Estados Unidos, Canadá, Espanha e Inglaterra já baixaram as taxas, num movimento a ser seguido pela Itália, França e Alemanha) confirma o amplo entendimento internacional para evitar que o Brasil seja o estopim de uma crise mundial tão grave quanto a de 29, como já advertiu Allan Greenspan, o presidente do Banco Central americano.

A decisão do presidente reeleito, no sentido de conduzir um duro ajuste fiscal no setor público em três anos, deu tempo para o ministro da Fazenda, Pedro Malan, costurar com os ministros do G-7, na assembléia anual do FMI em Washington, amplo financiamento ao Brasil.

O Brasil não negocia com o FMI e países ricos na condição de país quebrado, sem reservas. Ao contrário. Apesar das perdas registradas há 50 dias, devido à retração do crédito internacional, após o trauma provocado pelo calote da Rússia, o Brasil ainda dispõe de US\$ 45 bilhões e mantém-se como peça-chave do tabuleiro financeiro mundial.

Ao chegar a Buenos Aires, de volta da assembléia anual do FMI, na qual conversou com o presidente Bill Clinton sobre a situação internacional, o presidente da Argentina resumiu a situação ímpar desfrutada pelo Brasil: Menen disse que as medidas de ajuste que o Brasil vier a aplicar significarão ajuda financeira internacional imediata, que

evitará a derrubada da economia e beneficiará toda a região.

Na qualidade de principal parceiro do Brasil no Mercosul, o presidente Carlos Menem reconhece, melhor que ninguém, o papel crucial desempenhado pelo Brasil, como a última trincheira para evitar que a crise financeira ganhe uma escalada internacional incontrolável.

Entendem-se a preocupação e o interesse de Menem no sentido de que o Congresso brasileiro aprove as propostas do governo para promover o ajuste fiscal e aprofundar as reformas, garantindo a progressiva melhoria das metas fiscais para os próximos três anos. O Brasil é o maior mercado para os produtos argentinos e o principal responsável pelos saldos positivos da balança comercial da Argentina.

Menem acrescentou que o montante da ajuda financeira ao Brasil, mediante uma conta garantida – semelhante a limite de cheque especial a ser usado em caso de necessidade – poderia ficar entre US\$ 30 bilhões e US\$ 50 bilhões, acrescentando que esse crédito será muito bom para consolidar o futuro do Mercosul e de toda a América Latina.

O Brasil tornou-se baluarte do mundo globalizado. Se o país entrasse em colapso cambial em consequência da fuga em massa de capitais, depois que o crédito internacional ficou paralisado pelo calote russo, os prejuízos seriam incalculáveis para a economia mundial.

Grandes bancos e empresas do Primeiro Mundo investiram maciçamente no Brasil, o segundo pólo mundial de investimentos estrangeiros, confiando na estabilização e no imenso potencial do mercado brasileiro, incluindo as perspectivas de integração com os vizinhos do Mercosul depois da abertura da economia, do fim dos monopólios do Estado e da privatização das empresas estatais. Salvar o Brasil não constitui nenhum favor, mas um ato de autopreservação da economia de mercado no mundo globalizado.